



# FETICHISMO - UMA PATOLOGIA SOCIAL DO COTIDIANO?

Ricardo Gomes



**RICARDO GOMES**

*PSICANALISTA*



## FETICHISMO - UMA PATOLOGIA SOCIAL DO COTIDIANO?

### Refletindo sobre sobre o tema

Aqui, nesse ágil texto, vamos nos concentrar exclusivamente nas questões sobre a sexualidade e em especial nos seus reflexos no nosso dia-a-dia.

Nunca se viu e ouviu tanto nas páginas policiais sobre investigações e prisões de pedófilos, exibicionistas e de casos voyeurismo que, de alguma forma, se relacionam com a estrutura de perversão que se compõe do fetichismo, sadismo e masoquismo. No sentido figurado, variações sobre temas correlatos. Estaríamos vivendo diante uma patologia social? Esse questionamento servirá de elemento norteador para construção dos argumentos usados no texto

Em Vocabulário da Psicanálise, Laplanche e Pontalis (1992, p. 341) definem perversão como sendo o:

Desvio em relação ao ato sexual normal, definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se haver perversão: onde o orgasmo é alcançado com outros objetos sexuais ou através de outras regiões do corpo onde o orgasmo acha-se totalmente subordinado a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, voyeurismo e exibicionismo e sadomasoquismo) que podem mesmo ser suficientes, em si mesmas, para ocasionar prazer sexual. Num sentido mais englobante, designa-se por perversão um conjunto de comportamento psicosexual que acompanha tais meios atípicos de obtenção de prazer sexual.

Para nosso exemplo, nos fixamos no fetichismo que se caracteriza pela fixação parcial do objeto do prazer, em objetos inanimados ou partes não genitais do corpo. Na sua origem o fetiche é uma palavra que designa sortilégio, um artifício que passa a ser usado pelos fundadores da sexologia em 1887 para se referirem ao fetichismo conforme afirma Ons, (2021). Ainda na visão da autora, a concepção freudiana sugere uma ambiguidade entre a negação do fetiche como um objeto presente que é concreto e tangível, mas que por sua vez é símbolo e presença de uma ausência e, portanto imaterial e intangível. Conduz sempre além do fetiche a algo que jamais se pode possuir, e revela, assim, um novo modo de ser dos objetos fabricados pelo homem.



## A negação do fetichismo segundo Freud.

Nas fases psicosssexuais apresentadas por Freud nos três ensaios sobre a sexualidade e em outros textos é possível identificar alguns comportamentos ou afecções que se relacionam com cada etapa dessas mesmas fases, que podem ter sido mal resolvidas e que se manifestam na fase adulta por meio desse comportamento, das formas de viver a própria vida, de ver o outro e do distanciamento da realidade no caso dos narcisistas. O autor também apresenta o fetichismo como uma negação da realidade acompanhada de uma valorização e superdimensionamento de um objeto de prazer escolhido. Ou seja, uma fixação. O foco do instinto sexual, que deveria ser direcionado ao ser humano, é desviado para o objeto do fetiche.

É difícil fazer uma avaliação ou indicar as fontes originárias de tais comportamentos com exatidão sem uma análise aprofundada durante os encontros entre analista e analisando. Muito provavelmente existem pontos de fixação que funcionam como gatilhos impulsionadores. Uma das possibilidades, nesses casos, é que o fetichista esteja fixado numa peça de roupa ou numa parte do corpo da mãe antes de uma possível castração. Tudo pode ser motivo para o desenvolvimento de um fetiche como um sapato, botas femininas com saltos finos ou pontiagudos, cheiros de couros, cheiros desagradáveis, peles, veludos, lenços, perucas, pés sujos, botões, um vestido, uma bolsa, uma roupa íntima, cabelos, meias, corpetes, cinta liga e outras tantas possibilidades.

## Casos clássicos como exemplos de fetichismo

Um bom exemplo pode ser os casos apresentados por Safatle, Dunker e Junior (apud Krafft-Ebing, 2000, p. 104 e 105). No primeiro, relatam o caso de um marido que nas duas primeiras noites de núpcias se contenta apenas em beijar a mulher e percorrer os dedos sobre suas tranças sem mais nenhuma tentativa de realização do coito, mas que na terceira noite aparece com uma imensa peruca de cabelos longos e pede insistentemente que a esposa a use. Só dessa forma ele consegue se sentir excitado a ponto de concretizar o ato sexual com prazer. Este casamento durou 5 anos e gerou uma coleção de 72 perucas.

## Casos clássicos como exemplos de fetichismo (continuação)

Já no outro, é relatado o caso de um homem de 20 anos, homossexual e que tinha como fetiche bigodes fartos nos parceiros que procurava. Numa ocasião conheceu um homem que lhe parecia o par ideal, mas que, para sua surpresa, usava um farto bigode artificial causando um verdadeira desilusão. Novamente, a relação sexual só se realizou depois que o bigode foi novamente colocado no seu devido lugar.

Esses dois exemplos ilustram muito bem a que ponto pode chegar o fetichismo. Apesar de serem casos mais antigos, não é difícil deduzir a contemporaneidade de tal perversão favorecida pelas relações mais fáceis e pelos os meios digitais de comunicação que oferecem infinitas possibilidades para a busca de parceiros e para realização de vários desses fetiches. Outro ponto que vale destacar para o período em que vivemos é o afastamento da ideia da perversão como crime, desde que praticado em comum acordo com os parceiros e em locais apropriados.

### Fetichismo no cotidiano: Uma patologia social de fato?

Mas, para os casos classificados como importunação sexual, praticados em via pública, e sem consentimento entre outros pontos defendidos por tal legislação são sim considerados crimes ou delitos passíveis de punição. Essa necessidade de controle imposto por lei poderia até permitir que se considerasse essa tipologia psíquica dentro da perversão como uma patologia social, mas talvez fosse necessário estudos mais profundos a ponto sustentar tal classificação como uma realidade ou paradigma psicanalítico moderno. Saftle, Junior e Dunker (2021, p. 206) até descrevem que “noutras palavras, o fetichismo está associado, de alguma forma, ao que denominamos uma patologia social. Uma patologia que tem na reificação sua expressão maior.” Mas no mesmo texto, um pouco mais adiante, os autores sugerem a necessidade de cautela e estudos para manter essa classificação de patologia social de forma segura e inquestionável. Afinal, é difícil afirmar, com toda segurança, que a sociedade sofre por ser fetichista ou que as relações sociais ficam totalmente comprometidas por esse comportamento.



## Conclusão

Existem fetiches brandos e considerados normais que são praticados sem gerar nenhum problema aos envolvidos. Mas existem os casos graves que carecem de cuidado, controle e atenção. Os autores ainda reproduzem a ideia de Freud de que o fetichista considerado normal ou de padrão aceitável não procura análise ou algum tipo de ajuda. Tal afirmação já afasta a possibilidade de uma demanda considerada como sofrimento.

Finalizando e procurando responder ao questionamento inicial, tomando também como base referencial os autores acima mencionados em suas pesquisas acerca do tema, não é ainda apropriado afirmar que se trata de uma patologia social. O que fica evidente é a necessidade de novas pesquisas e estudos que possam servir de arcabouço robusto e seguro para garantir a afirmação de que sim, se trata de uma patologia. Logo, fica a sugestão para debates e aprofundamentos sobre o tema para futuros psicanalistas.

## Resumo

### PO Fetichismo presente no cotidiano

Qualquer um que resolva estudar sobre Freud ou sobre a sexualidade descobrirá que eles estão intimamente ligados. Assim como qualquer um que resolva pesquisar sobre a psicanálise, inevitavelmente vai se deparar com as teorias Freudianas acerca do inconsciente e da sexualidade. Certamente irá se deparar também com as questões sobre as perversões e entre elas o fetiche que será o nosso objeto de estudo. Vamos nos deter na sua presença no nosso dia a dia, nos exemplos e em avaliar a possibilidade de ele ser, ou não, considerado uma patologia social. Para isso usaremos como referência o posicionamento de Safatle, Junior e Dunker apresentado numa de suas recentes obras que aborda o tema em questão.

Palavras Chaves: Perversão, Fetichismo, Patologia social

## ► Referência bibliográficas

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ONS, S., Tudo o que você precisa saber sobre a Psicanálise. 2ª edição. São Paulo: Paidós, 2021.

SAFATLE, J; JUNIOR, N.S; DUNKER, C. Patologias do social. 1ª edição. São Paulo: Autêntica, 2021.

## ► Ricardo Gomes



Currículo lattes/CNPQ: Ricardo Gomes

<http://lattes.cnpq.br/1303826464609815>

Psicanalista em formação permanente, Mestrando em Administração, MBA em Gestão Empresarial, MBA em Marketing e Graduado em Marketing. Professor universitário, Colunista mensal sobre psicanálise, Professor de Metodologia da Pesquisa Psicanalítica, Marketing e outros conteúdos. Mentor de desenvolvimento pessoal e profissional na ONG Genaration Brasil, Consultor Educacional e de Competências Socioemocionais na Escola da Inteligência do Dr. Augusto Cury. Diretor do Clube do Treinamento para desenvolvimento pessoal e profissional, desenvolvimento de equipes e professor de oratória. Coach pela Sociedade Latina Americana de Coach - SLAC, credenciado pela International Association of Coaching - IAC, pelo Professional Coaching Alliance - PCA, pela Association for Coaching - AC e pela European Mentoring e Coaching Council - EMCC. Também possui a formação de Analista Comportamental pela ATOOLS Soluções para Recursos Humanos. Formação em Hipnose Clínica pelo pela Sociedade Brasileira de Pesquisa em Hipnose Clínica - SBPHC, Formado em oratória e técnicas de apresentação por Marcondes e Barucke Comunicação Empresarial.



**RICARDO GOMES**  
PSICANALISTA



(21) 99972-1226



atendimento@clubedotreinamento.com



[www.clubedotreinamento.com/nucleoanalitico](http://www.clubedotreinamento.com/nucleoanalitico)

**Fale conosco**